

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 10, número 1 (2019)
ISSN: 2177-2886

Artigo

As Trabalhadoras Negras em Atividades de Serviços de Limpeza: Um Olhar que Desvela

*Las Trabajadoras Negras en Actividades de Servicio
de Limpieza: Una Mirada que Desvela*

*Afro-Brazilian Women Workers in Cleaning Services: A
Revealing Look*

Susana Maria Veleda da Silva

Universidade Federal do Rio Grande – Brasil
sucaveleda@gmail.com

Rafael Moura Tédde

Universidade Federal do Rio Grande – Brasil
rafael_m.tedde@hotmail.com

Como citar este artigo:

VELEDA DA SILVA, Susana Maria, TÉDDE, Rafael Moura. As Trabalhadoras Negras em Atividades de Serviços de Limpeza: Um Olhar que Desvela. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 1, p. 90-108, 2018. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

As Trabalhadoras Negras em Atividades de Serviços de Limpeza: Um Olhar que Desvela

Las Trabajadoras Negras en Actividades de Servicio de Limpieza: Una Mirada que Desvela

Afro-Brazilian Women Workers in Cleaning Services: A Revealing Look

Resumo

O trabalho formal realizado nas atividades de serviços de limpeza está aliado ao trabalho doméstico que as mulheres exercem, também, em suas casas, configurando uma dupla ou tripla jornada que demarca fatores de exploração e opressão tanto no âmbito público, como no privado. A cor da pele conjunta a divisão sexual do trabalho, se mostra uma variável determinante no papel que as mulheres negras ocupam no mercado de trabalho. Este espaço é seletivo e limitado por conta de uma sociedade machista e racista. O objetivo da pesquisa foi caracterizar o perfil das trabalhadoras na área da limpeza em uma Instituição de Ensino Superior (IES) do município de Rio Grande, localizado no sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul (RS), considerando situações de opressão, exploração e resistência no âmbito laboral. O estudo coletou dados sobre o trabalho feminino no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e realizou entrevistas com cinco trabalhadoras negras. Os dados empíricos quantitativos e qualitativos coletados e iluminados através de categorias feministas interseccionadas (gênero, raça e classe), possibilitou evidenciar uma realidade em que as mulheres negras ainda trabalham nos setores econômicos com baixos salários e prestígio social, consequência do longo período escravocrata brasileiro, mesclado com o racismo e o machismo contemporâneo. Esta condição social e econômica impõe dificuldades de resistência individual ou coletiva, limitando o acesso e a permanência em empregos que possibilitariam melhores condições de vida a estas mulheres.

Palavras-Chave: Trabalho; Mulheres Negras; Serviços de Limpeza.

Resumen

El trabajo formal realizado en las actividades de servicio de limpieza esta aliado al trabajo doméstico que las mujeres ejercen, también, en sus casas, configurando una doble o triple jornada laboral que demarca factores de explotación y opresión tanto en el ámbito público, como en el privado. El color de piel en conjunto a la división sexual del trabajo, se muestra como una variable determinante en el papel que las mujeres negras ocupan en el mercado de trabajo. Este espacio es selectivo y limitado por causa de una sociedad machista y racista. El objetivo de la investigación fue caracterizar el perfil de las trabajadoras en el área de limpieza en una institución de Enseñanza Superior (IES) del municipio de Rio Grande, localizado al sur de Brasil, en el estado de Rio Grande do Sul (RS), considerando situaciones de opresiones, exclusiones y resistencia en el ámbito laboral. El estudio recopiló datos sobre el trabajo femenino en el Instituto Brasileño de Geografía y Estadística (IBGE) y realizo entrevistas con cinco trabajadoras negras. Los datos empíricos cuantitativos y cualitativos recopilados e iluminados a través de categorías feministas interseccionadas (género, raza y clase), posibilito evidenciar una realidad en que las mujeres negras aun trabajan en sectores económicos con bajos salarios y prestigio social, consecuencia del largo periodo de esclavitud brasileño, mezclado con el racismo y el machismo contemporáneo. Esta condición social y económica impone dificultades de resistencia individual o colectiva, limitando el acceso y la permanencia en empleos que posibilitan mejores condiciones de vida a estas mujeres.

Palabras-Clave: Trabajo; Mujeres Negras; Servicios de Limpieza.

Susana Maria Veleda da Silva, Rafael Moura Tédde



Abstract

The formal work performed in the cleaning services activities has been connected to the household chores which women also do in their homes. It represents either a double or triple burden that defines exploitation and oppression factors, both in public and private contexts. Skin color associated with sexual division of labor has been a decisive variable in the role played by Afro-Brazilian women in the job market. This space is selective and limited by a racist and male-chauvinistic society. This study aims at characterizing the profile of women workers in the cleaning sector at a higher education institution located in Rio Grande, RS, in the south of Brazil, while taking into account situations of oppression, exploitation and resistance in the work environment. Data on women's work were collected at the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) and interviews were carried out with five Afro-Brazilian women workers. Quantitative and qualitative empirical data which were collected and highlighted by intersected feminist categories (gender, race and class) enabled the study to show the reality in which Afro-Brazilian women still work, in economic sectors that pay low salaries and represent low social prestige, a consequence of the long slavery period in Brazil, intertwined with contemporary racism and male-chauvinism. These social and economic conditions impose difficulties to individual and collective resistance, thus, limiting access and permanence in jobs that could offer better conditions of life to these women.

Keywords: Job; Black Women; Cleaning Services.

Introdução

No Brasil, nas primeiras décadas do século XXI, as trabalhadoras negras recebiam 53% de rendimento mensal do trabalho principal em relação aos homens brancos, o mesmo índice para as mulheres brancas era de 69% (MARCONDES et al, 2013). Ao considerarmos a escolaridade como elemento indicador de acesso a trabalhos remunerados, observamos que a média de anos de estudo das mulheres negras era de 5,6 e as brancas 7,1 (AMB, 2011). Os dados revelam que a desigualdade de rendimentos no mercado de trabalho tem sexo e cor¹.

O estudo aproximou os dados coletados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o trabalho feminino em Rio Grande, localizado no sul do Rio Grande do Sul (RS), e a vivência das mulheres negras que trabalhavam em atividades de serviços de limpeza em uma Instituição de Ensino Superior (IES) do município². A aproximação objetivou caracterizar o perfil das trabalhadoras e identificar situações de opressão, exploração e resistência no âmbito laboral³.

O trabalho de faxineira, nas atividades de limpeza com carteira assinada,

1 Na pesquisa 'Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População: um Estudo das Categorias de Classificação de Cor ou Raça' (PCERP) realizada em 2008 pelo IBGE, a cor da pele é a dimensão mais citada pelos entrevistados (74%) para definir cor ou raça. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49891.pdf>> Acesso em: 06/06/2017. O uso do termo sexo, além de ser uma variável operacional, faz alusão ao livro de Elisabetth Souza-Lobo, "A classe operária tem dois sexos", publicado pela Editora Brasiliense em 1991.

2 As atividades de serviços de limpeza são catalogadas pela Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). Faxineiro ou faxineira é uma das ocupações deste tipo de atividade, classificada pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Disponível em: <https://cnae.ibge.gov.br/classificacoes/por-tema/atividades-economicas> e <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf> Acesso em 22/12/2017.

portanto formal, está aliado ao trabalho doméstico que as mulheres exercem em suas casas, configurando uma dupla jornada que demarca fatores de exploração tanto no âmbito público, como no privado. A cor da pele conjunta a questão racial se mostra uma variável determinante no papel que as mulheres negras ocupam no mercado de trabalho, sendo esse um lugar seletivo e limitado por conta de uma sociedade não apenas machista, como também racista.

O gênero e a cor da pele são marcadores sociais que ampliam ou limitam as possibilidades de acesso ao trabalho remunerado. De acordo com Bento (1995), o lugar da mulher negra no trabalho está demarcado no imaginário dos setores de administração e dos profissionais de recursos humanos como um lugar de baixo status e, portanto, exerce influência na admissão das mulheres nos empregos disponíveis. Partimos do pressuposto que a interseccionalidade da classe, do gênero e da raça/etnia permite estudar a situação das trabalhadoras negras a partir da abordagem feminista (CRENSHAW, 2002; SAFFIOTI, 2004; HIRATA; KERGOAT, 2007). Para Crenshaw,

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. (CRENSHAW, 2002, p. 177)

A abordagem permite refletir sobre o lugar das mulheres na sociedade aliada a perspectiva de transformação das diferentes dimensões das desigualdades. O machismo e o racismo são preconceitos e eixos de subordinação que podem ser sentidos, de forma individual ou coletiva, por essas trabalhadoras, e são estruturais na sociedade e resultam em uma constante exploração e opressão das mulheres. A pesquisa trilhou o caminho da interseção entre os aportes teórico-conceituais sobre trabalho, raça e gênero e dados empíricos quantitativos e qualitativos sobre as trabalhadoras negras.

O artigo está estruturado em três seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção apresentamos um panorama sintético acerca da situação das mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro. Na segunda, indicamos a metodologia de pesquisa utilizada, o recorte espacial e expomos alguns dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a situação das trabalhadoras no município. Na terceira seção, através das falas das entrevistadas aliadas ao referencial teórico, refletimos sobre a situação das trabalhadoras nas atividades de limpeza de uma IES no município.

As Mulheres Negras no Mercado de Trabalho Brasileiro: Breves Considerações

Em uma breve análise histórica da formação do mercado de trabalho no Brasil, verificamos que a questão racial é um dos principais fatores de distribuição de lugares e de papéis sociais. A população negra ocupa

3 Identificamos dois estudos recentes sobre as trabalhadoras terceirizadas das atividades de limpeza nas IES. Ambos consideram a precariedade laboral sem averiguar a questão racial (GEMMA, S. *et al.* 2017 e SILVEIRA, A. *et al.* 2016). A RLAGG publicou três artigos sobre trabalhadoras negras: Paula (2012); Ziliotto e Santos (2015) e Mendes e Milani (2016).



determinados setores e empregos que a segregam e possibilitam sua exploração. Resultado de um aprofundamento das atrocidades do longo período escravista que não apenas submeteu milhões de seres humanos, mas também auxiliou na montagem e perpetuação de discursos segregacionistas que estão enraizados na sociedade brasileira (MACHADO DA SILVA, 2017; SOUZA, 2017). As mulheres negras, na condição de escravas, tornavam-se mais vulneráveis, mesmo quando desempenhavam, no âmbito privado, as tarefas domésticas de cuidado das famílias brancas. Apesar das escravas também trabalharem nas lavouras e no comércio, as atividades de lavadeiras, cozinheiras, amas de leite ou cuidadoras das crianças, dos doentes e dos idosos eram comuns, assim como todas as atividades ligadas a limpeza (DEL PRIORE, 1997)⁴.

A escravidão infligiu uma clivagem social, econômica e cultural entre as populações negra e branca e, de acordo com a pesquisa intitulada Desenvolvimento Humano para Além das Médias (2017), embora nos últimos vinte anos, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da população brasileira tenha aumentado, somente em 2010, a população negra atingiu um índice equivalente (0,679) ao que a população branca (0,675), havia atingido em 2000. Os índices mostram desigualdades que refletem o passado escravocrata do país e, ao mesmo tempo, o racismo ainda vigente. As desigualdades estão pautadas nas construções sociais sobre a população negra, e sobretudo sobre as mulheres negras, que legitimam sua representação exercendo funções braçais ou de cuidados domésticos. As mulheres negras, ainda são demarcadas em um imaginário escravista e acabam relegadas às tarefas semelhantes às que desempenhavam no Brasil até a abolição formal ocorrida em 1888.

As mudanças políticas, econômicas, sociais e educacionais ocorridas nas últimas décadas não foram suficientes para propiciar um avanço das condições de vida dos negros e negras brasileiros. Indicadores de escolaridade mostram que, entre 1995 e 2009, ocorreu um aumento de 2,4 anos na média de estudos da população negra, que não foi suficiente para diminuir as desigualdades no Ensino superior (IPEA, 2011). Aliado ao fato de que 80% dos analfabetos brasileiros eram negros (IBGE, 2010), os indicadores mostram a cara da desigualdade racial no país.

O rendimento da população brasileira quando analisado através das variáveis cor e escolaridade é agravado ao incluirmos a divisão sexual do trabalho, na qual o trabalho está dividido em trabalho produtivo para os homens e trabalho reprodutivo para as mulheres, possibilitando a existência de guetos de trabalhos específicos para cada sexo que, colocam as mulheres, na maioria das vezes, em empregos precários e de baixo prestígio social (BRUSCHINI, 2007).

A segregação no mercado de trabalho ocorre através das práticas discriminatórias não apenas entre gênero, mas sobretudo entre raça. O lugar das mulheres negras, na maioria das vezes, está demarcado a determinadas

4 Davis (2016) mostra que, no período escravista estadunidense, as escravas exerceram trabalhos considerados masculinos que exigiam força física como nas plantações de algodão ou tabaco e nas minas de carvão ou fundição de ferro. Os papéis designados ao gênero feminino eram encobertos no corpo das escravas negras.

atividades laborais ligadas à alimentação, aos cuidados e a higiene. Tais tarefas que, socialmente, tem pouco prestígio, que se reflete também em baixos salários como, por exemplo, o trabalho doméstico, que ocupava 5,9 milhões de mulheres, sendo 10% brancas e 17% negras (IPEA, 2014).

Assim, a divisão sexual do trabalho não atua da mesma forma para mulheres negras e brancas (HIRATA; KERGOAT, 2007). Empregos de baixo prestígio social, pautados em atividades manuais e repetitivas, como por exemplo, as tarefas realizadas pelas empregadas domésticas ou os serviços de limpeza e manutenção em locais públicos ou privados administrados por empresas terceirizadas, são majoritariamente exercidas por mulheres negras. Além do trabalho remunerado exercido na esfera pública, as mulheres exercem o trabalho doméstico e de cuidados que ainda é realizado principalmente por elas, a partir de uma naturalização das habilidades que adquirem no exercício e aprendizado do próprio trabalho reprodutivo. O trabalho remunerado e o doméstico impõem uma dupla ou tripla jornada de trabalho às mulheres do setor da limpeza, que desempenham as mesmas tarefas nos espaços produtivo e reprodutivo.

A Metodologia e as Sujeitas da Pesquisa

Os caminhos da pesquisa

Os dados quantitativos sobre a situação socioeconômica das mulheres negras do município do Rio Grande foram coletados no IBGE. A pesquisa qualitativa foi realizada através de um questionário semiestruturado aplicado à cinco trabalhadoras negras das atividades de serviços de limpeza da IES no período de outubro de 2015 a abril de 2016. As respostas foram transcritas e analisadas a partir de um aporte teórico-conceitual sobre trabalho, raça e gênero, respeitando as marcas da oralidade individual. Na pesquisa qualitativa, procuramos respeitar às características do meio social com estratégias que possibilitaram diminuir a influência dos(as) pesquisadores(as) para garantir a fidedignidade na coleta e na análise, de modo que, os dados coletados foram analisados considerando a “experiência, as representações, as definições da situação, as opiniões, as palavras, o sentido da ação (...)” (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2012, p. 147) das trabalhadoras entrevistadas.

A coleta dos dados qualitativos, através da realização do questionário, foi precedida de prévia explicação sobre o objetivo da pesquisa e, as trabalhadoras, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram realizadas no turno da noite durante o horário de trabalho das entrevistadas ou no horário do intervalo, em salas de aula, sala do café ou na cozinha. Solicitamos entrevista à doze trabalhadoras, porém tivemos cinco aceites. O silêncio das trabalhadoras pode ser avaliado por muitos aspectos, como a timidez, o medo de represálias da empresa contratante, ou mesmo a dificuldade de serem entrevistadas por um homem branco.

Breve panorama da situação das trabalhadoras negras em Rio Grande

O município de Rio Grande, localizado ao sul do país, possuía, em 2016, uma população estimada de 208.641 mil habitantes distribuídas em uma área de 2.813,9 Km² (IBGE, 2017). A taxa de urbanização de 97% indica a

Susana Maria Veleda da Silva, Rafael Moura Tédde



importância dos setores da indústria, do comércio e dos serviços para o município, que possui o principal porto do estado e um importante polo industrial, com destaque para os setores de fertilizantes, de petroquímica, naval e de alimentos. No setor de alimentos, o destaque são as modalidades de diferentes processamentos de pescado que tem como marca, o trabalho feminino (VELEDA DA SILVA; SPOLLE, 2016). Portanto, justifica-se que quatro mulheres entrevistadas tenham trabalhado em fábricas do setor alimentício antes de serem faxineiras na IES.

Os tipos de atividades econômicas do município refletem nos rendimentos das trabalhadoras e dos trabalhadores. Os setores ligados aos serviços e ao comércio, os que empregam mais mulheres, são os de menores rendimentos. A Tabela 1 apresenta as desigualdades de rendimentos que, quando cruzados por nível de instrução entre homens e mulheres, visibilizam a divisão sexual do trabalho descrita por Hirata e Kergoat (2007). É possível fazer este cruzamento com dados do último Censo Demográfico, realizado em 2010. A renda total das mulheres era de 67% da renda total dos homens, recebendo 524,09 reais a menos.

Tabela 1. Rio Grande: pessoas de 10 anos ou mais de idade por sexo, cor, escolaridade e valor do rendimento nominal mensal médio, 2010.

Sexo	Cor/raça	Nível de Instrução	Valor do rendimento por nível de instrução	Preta e parda x branca	Mulher x Homem
Homens	Total	Total ⁵	1.597,74		100%
		Fundamental completo e médio incompleto	1.186,16		100%
		Médio completo e superior incompleto	1.699,73		100%
		Superior completo	4.330,78		100%
	Branca	Total	1.666,10	100%	100%
		Fundamental completo e médio incompleto	1.203,55	100%	100%
		Médio completo e superior incompleto	1.691,23	100%	100%
		Superior completo	4.271,13	100%	100%
	Preta e Parda	Total	1.287,75	77%	100%
		Fundamental completo e médio incompleto	1.158,16	86%	100%
		Médio completo e superior incompleto	1.704,92	101%	100%
		Superior completo	4.269,23	100%	100%

Susana Maria Velela da Silva, Rafael Moura Tédde



As Trabalhadoras Negras em Atividades de Serviços de Limpeza: Um Olhar que Desvela

Mulheres	Total	Total	1.073,65		67%
		Fundamental completo e médio incompleto	680,87		57%
		Médio completo e superior incompleto	878,35		52%
		Superior completo	2.470,83		57%
	Branca	Total	1.153,43	100%	69%
		Fundamental completo e médio incompleto	717,14	100%	60%
		Médio completo e superior incompleto	904,92	100%	54%
		Superior completo	2.514,99	100%	59%
	Preta e Parda	Total	752,30	65%	58%
		Fundamental completo e médio incompleto	578,89	81%	50%
		Médio completo e superior incompleto	763,17	84%	45%
		Superior completo	2.013,21	80%	47%

Fonte: IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>.

Em 2010, uma mulher trabalhadora com Ensino Fundamental completo e Médio incompleto, possuía um rendimento de, em média, R\$ 680,87, enquanto um homem com a mesma escolaridade, recebia R\$ 1.186,16, uma diferença de 57%. Com o Ensino Médio completo e Superior incompleto, a diferença entre homens e mulheres é de 52%, os homens ganhando R\$ 1.699,73 e as mulheres R\$ 878,35. O Ensino superior apresenta uma disparidade de 57%, apresentando R\$ 4.330,78 mensais para os homens, e apenas R\$ 2.470,83 mensais para as mulheres. Os dados mostram que obter o Ensino superior não dirime as desigualdades salariais entre mulheres e homens, ao contrário, indicam que quanto maior a escolaridade, maior a desigualdade salarial entre os sexos.

Além da divisão sexual do trabalho, a divisão racial⁶ do trabalho precisa ser acrescentada nas pesquisas sobre o mundo do trabalho, para entendermos a diferença de salários presente entre pessoas negras e brancas. Os números exibidos na Tabela 1 mostram, também, o rendimento nominal médio mensal por cor. Em 2010, as mulheres brancas, tinham um rendimento de R\$ 1.153,45

5 Nos totais estão incluídos a cor/raça, amarelos e indígenas.

6 A divisão racial refere-se a pessoas negras e brancas. Os autores do artigo consideram que o termo raça se aplica a todos os seres humanos, no sentido de haver uma raça humana. Porém, no artigo, o termo é utilizado para enfatizar o racismo como problema social a ser combatido, a partir da concepção de Gonzales (1984).

e, as mulheres pretas e pardas, recebiam o equivalente de 65% desse valor, R\$ 756,3. Quando comparado aos homens, as mulheres negras recebiam o equivalente a 58% e as mulheres brancas, 69%. A disparidade de rendimentos é maior para as trabalhadoras negras.

As Trabalhadoras Negras nas Atividades de Serviços de Limpeza em uma IES de Rio Grande

No mundo do trabalho contemporâneo, o processo de terceirização é uma realidade e está vinculado a denominada produção flexível. Segundo Garcia,

Terceirização expressa o recurso gerencial pelo qual uma empresa transfere parte de sua atividade-fim - industrial, de serviços ou agrícola – para outra unidade empresarial, tendo em vista flexibilizar a organização e as relações de trabalho e focar esforços em atividades com mais especialização e maior valor agregado. (2006, p. 311)

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio Econômicos (DIEESE, 2017) realizou estudos mostrando que as mulheres negras que trabalhavam em empresas terceirizadas estavam entre a população mais vulnerável de trabalhadores. As trabalhadoras das atividades de limpeza, serviço majoritariamente terceirizado e precário, independente se prestado na esfera pública, recebem salários baixos e poucos direitos trabalhistas, caracterizando situações de trabalho precário, temporário ou subcontratado.

A terceirização promove flexibilidade para contratar e demitir trabalhadores (as), precarizando as relações e as condições de trabalho. Para as empresas, há a redução de gastos em impostos e em encargos trabalhistas e previdenciários, propiciando aumento do lucro da empresa. A terceirização ocorre principalmente nas atividades meio, como nos setores da vigilância, da limpeza, do transporte ou da alimentação.

As mulheres negras presentes nas atividades ligadas a limpeza ou a alimentação, possuem poucas possibilidades de seguir carreira ou serem promovidas. O mercado terceirizado abre as portas para mulheres adultas, da faixa etária de 30 a 50 anos, porém, a médio e longo prazo, o emprego não propiciará benefícios, gerando insegurança com relação ao futuro, reforçando o papel destas mulheres perante a sociedade.

O perfil das trabalhadoras entrevistadas

As cinco trabalhadoras nas atividades de limpeza entrevistadas são adultas, com idade entre 36 a 45 anos, podemos inferir que, mulheres nesta faixa etária, tem poucas chances de serem contratadas pois, de acordo com os dados do Relatório Anual do Observatório Social do Trabalho (OST, 2017), os trabalhadores adultos foram particularmente afetados pela redução do emprego no município de Rio Grande, os jovens, por outro lado, foram mais preservados nos seus empregos. Como resultado, houve um rejuvenescimento do estoque de trabalhadores no mercado formal de trabalho. Fato associado à crise do setor naval, pois é neste setor em que o volume de desligamentos de

trabalhadores adultos de 30 a 49 anos de idade foi mais elevado. Assim, as empresas terceirizadas tornaram-se uma opção de emprego⁷.

Em relação ao estado civil, quatro das entrevistadas viviam com um companheiro, mas não eram casadas oficialmente (ver quadro 1). Durante as entrevistas, histórias parecidas foram relatadas, situações de exploração e agressões dentro no ambiente doméstico foram frequentes. Relacionamentos abusivos deixaram marcas nas trabalhadoras, que por uma possível resistência consciente ou subconsciente, decidiram não se casarem novamente. Mesmo relacionamentos longos não se tornaram casamentos “de papel passado” (Entrevistada 2).

O número de filhos está acima da média nacional, que segundo dados IBGE, em 2014, estava em 1,74 filhos (ver quadro 1). As trabalhadoras demonstravam a insatisfação quando falavam dos filhos (as) mais velhos, que decidiram não estudar, ou não completaram o Ensino médio, para trabalhar. A maioria dos filhos ou filhas das trabalhadoras também desempenham funções que não necessitam de escolaridade completa, como pedreiros ou faxineiras.

Quadro 1: Características das trabalhadoras entrevistadas, IES, Rio Grande

Entrevistada	Idade	Estado Civil	Número de filhos	Bairro onde reside
01	41	Companheiro	3	Cohab 4
02	44	Companheiro	3	Santa Rita de Cássia
03	45	Companheiro	4	Castelo Branco 2
04	43	Solteira	Não Possui	Profilurb II
05	36	Companheiro	1	Castelo Branco 1

Fonte: Entrevistas realizadas entre outubro de 2015 a abril de 2016

Duas trabalhadoras falaram com satisfação sobre os filhos (as) mais novos, que estão na escola, com orientação das mães para estudarem e, talvez, até fazer faculdade. Assim, consideramos que garantir e incentivar o estudo dos descendentes é uma forma de resistência individual. As trabalhadoras estão inseridas numa instituição de Ensino superior, e observam que pessoas negras estudam na Universidade, ainda que em pequena escala, e comentaram, nas entrevistas, que se sentem representadas com a inclusão de pessoas negras e pobres a partir das cotas.⁸

Todas as trabalhadoras entrevistadas possuem baixa escolaridade, e não completaram o Ensino fundamental, com renda individual em torno de um salário mínimo (R\$ 880,00 em 2016). Analisando os relatos é possível traçar

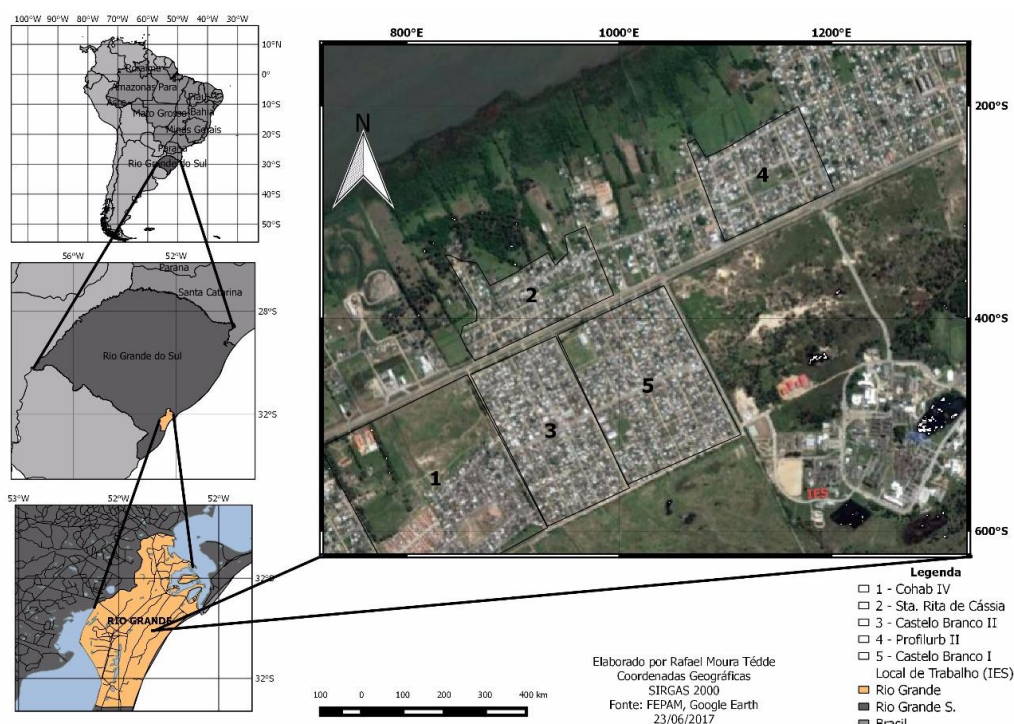
7 A IES informou que no primeiro semestre de 2017, havia 112 trabalhadores terceirizados, destes, 102 mulheres e 10 homens. O número de trabalhadoras por cor da pele não foi informado.

8 O percentual de negros no nível superior dobrou entre 2005 e 2015, com a implementação de políticas afirmativas, como as cotas: passando de 5,5% de jovens negros ou pardos frequentando a universidade em 2005, para 12,8% em 2015. Em comparação, o percentual de jovens brancos na universidade era maior, de 26,5% (IBGE, 2017).

as raízes dessa situação. Nos longos períodos de crise e baixa taxa de crescimento econômico, historicamente, os filhos (as) das famílias com menor renda, precisavam trabalhar para complementar o orçamento. Como afirmado por uma das entrevistadas “era preciso escolher a escola ou ter o que comer” (entrevistada 3). A falta ou a baixa escolarização é mais uma forma de direcionar essas mulheres às atividades mal remuneradas e precárias.

Em relação ao local de moradia das entrevistadas, todas residem no máximo a dois quilômetros de distância uma da outra e no entorno de um dos Campus da Universidade (ver figura 1).

Figura 1: Localização do município do Rio Grande, do Campus e dos bairros de moradia das trabalhadoras



A IES onde foi realizada a pesquisa, acompanhou e acompanha uma tendência entre as Universidades brasileiras, após um período em que as instalações eram nas áreas centrais dos municípios, especialmente a partir da década de 1970, houve a construção de Campus em áreas de expansão urbana. A IES em pauta deslocou seus Campus para cerca de dez quilômetros da área central, em uma área marcada por loteamentos populares e/ou de moradias autoconstruídas (ALVES, 2004).

Esses bairros considerados periféricos e de uma infraestrutura precária são a única oportunidade de casa própria, tanto pelo preço baixo dos imóveis, ou porque conseguiram habitação pelo programa Minha Casa Minha Vida⁹. Por ser próximo ao local de trabalho, as trabalhadoras relatam que vão trabalhar caminhando ou de bicicleta e como recebem o vale transporte em dinheiro, conseguem economizar esse valor.

9 O Programa Minha Casa Minha Vida, lançado em 2009, foi criado pelo Governo Federal, oferecendo condições atrativas para o financiamento de moradias nas áreas urbanas para famílias de baixa renda. Funciona em parceria com estados, municípios, empresas e entidades sem fins lucrativos.



As atividades de serviços de limpeza

A manutenção das relações onde a população negra é oprimida se dá através de um sistema social aparelhado de mecanismos que operam as desigualdades raciais dentro da sociedade (GOMES, 1995, p. 55), e esse sistema consegue se renovar perante as novas organizações estruturais, criando barreiras cotidianas e reforçando velhos estereótipos étnicos, como a presença majoritária de mulheres negras nas atividades de serviços de limpeza.

Para compreender o papel das trabalhadoras negras, sobretudo do nas atividades de limpeza, precisa-se ir além da divisão sexual do trabalho, incluindo a cor da pele como uma variável a mais, além do sexo. Os estudos sobre mercado de trabalho, em muitos casos, uniformizam a força de trabalho, desconsiderando a questão racial (BENTO, 1995). A entrevistada 1 comenta que:

(...) a gente tem que ser mais exigente, porque a gente era escravo, tem aquilo no sangue de ser trabalhador e de gostar de fazer uma boa comida, aquelas coisas todas. (Entrevistada 1)

A fala “porque a gente era escravo” demonstra o quanto o passado escravocrata da sociedade brasileira alimenta culturas racistas e machistas que fixam o papel do trabalho doméstico para mulheres, majoritariamente negras. A predestinação às tarefas domésticas não ocorre ao acaso, pois uma construção social levou a isso, excluindo a mulher negra de setores e empregos que exigem qualificação, mesmo quando as trabalhadoras possuem as qualificações necessárias para a vaga.

De acordo com Bento:

Tais praticas bloqueiam visivelmente o acesso das negras a determinados tipos de empresas ou de empregos impedem a mobilidade profissional acarretam avaliações de desempenho tendenciosas e influenciam nos processos de demissão. (1995, p. 484)

As mulheres negras perante essas barreiras, buscam trabalhos que mais se mostram receptíveis para o acolhimento delas, o serviço de limpeza. Na fala das entrevistadas, é possível perceber que a contratação pela empresa foi rápida e fácil, mesmo não assegurando a permanência da trabalhadora após o período de experiência, ainda consideram válido tentar o emprego, confirmando a tendência encontrada no estudo de Gemma et al. (2017).

Exploração e opressão

É possível identificar o perfil das trabalhadoras entrevistadas pela inserção precoce no mercado de trabalho. As mais diversas questões ligadas à infância e a adolescência, ao relacionamento com os pais ou companheiros, e principalmente o abandono da escola, foram elementos importantes no acesso ao trabalho remunerado. As entrevistadas 1 e 2 afirmam que:



Eu tô aqui hoje, trabalhando nisso, porque não estudei. Eu tinha 12 anos quando minha madrinha me entregou pra minha mãe de novo, e invés dela me colocar na escola, me botou pra ser babá lá no Parque Marinha¹⁰ (Entrevistada 1)

É que minha mãe e meu pai bebiam muito, naquela época era difícil o estudo; naquela época eles mandam e a gente tinha que sair pra ajudar eles porque senão, não comia. (Entrevistada 2)

Segundo as mulheres entrevistadas, dois aspectos foram decisivos para o ingresso precoce no mercado de trabalho: a falta de suporte familiar e a carência da escolarização, fruto da falta de estímulo para frequentar a escola. Relataram que seus núcleos familiares eram precários, e que enfrentaram problemas pessoais e financeiros desde a infância, sendo obrigadas a trabalhar em atividades que eram comuns em seus cotidianos. As tarefas estavam e estão relacionadas ao estigma carregado pelas mulheres onde o papel feminino ainda é marcado pelo desempenho de funções reprodutivas na esfera doméstica.

Comecei como doméstica, depois eu fui pra fábrica, tarefeira¹¹, corte de peixe, trabalhei no peixe. E aí trabalhei como auxiliar de cozinha, e agora tô como servente de limpeza. (Entrevistada 3)

Eu fui trabalhar em fábrica de doce, na conserva de doces, daí fechou e eu fui pro pescado, fazia de tudo que mandavam lá. Depois que mandaram embora a gente, fui trabalhar de babá (...), depois de acompanhante de idosos e empregada doméstica (...). (Entrevistada 5)

Nota-se que há um cruzamento nas trajetórias seguidas por trabalhadoras que apresentam mais de 45 anos. É possível identificar essa similaridade em alguns empregos característicos, como as fábricas de pescado, presentes no município de Rio Grande desde o século XIX, com um declínio a partir das décadas de 1980 e 1990¹², gerando o desemprego dessas trabalhadoras. O trabalho de empregada doméstica está presente em todas as entrevistas. Dessa forma, destaca-se a fala de uma das entrevistadas sobre o assunto, colocando sua opinião sobre o papel da mulher: “(...) a mulher, já desde pequena é criada para ter casa, ter filho” (Entrevistada 1). A fala ressalta o papel da mulher como cuidadora, que está sempre disponível para zelar pelos outros, com a responsabilidade sobre as tarefas domésticas. Segundo o IBGE¹³, em 2006, a porcentagem de mulheres nos setores de trabalho doméstico era de 93,4%.

10 Bairro localizado em Rio Grande.

11 De acordo com Veleda da Silva e Spolle (2014, n.p.), “Uma das características do trabalho nas fábricas de conserva de pescado é o trabalho por tarefa. O trabalho se caracteriza pela descontinuidade da atividade, o que possibilita um não comprometimento entre a trabalhadora e o empregador. A remuneração está relacionada a produção da trabalhadora e sua ligação com a empresa pode se dar ou não a partir de um contrato temporário”.

12 O declínio do setor começou no final da década de 1980 e foi acentuado nos anos de 1990 e 2000 (MARTINS, 2002).

Durante as entrevistas, as mulheres demonstravam contentamento com seus trabalhos. As reclamações eram centradas no corte de gastos da empresa, a diminuição do número de funcionários e o aumento das responsabilidades individuais. Em um panorama geral, não houve reclamações sobre o serviço prestado, colegas de trabalho ou a chefia.

Os sindicatos e a terceirização

Durante as entrevistas com as trabalhadoras, a questão dos sindicatos veio a tona com perguntas sobre a taxa destinada a pagar o sindicato que as representavam. Elas sabem da existência do sindicato, porém, desconhecem as funções do mesmo ou quem as representa diretamente lá. O sindicato seria de grande importância para intermediar a relação entre contratante e contratado, especialmente os casos de constantes demissões.

A admissão depende de contatos com outras trabalhadoras ou trabalhadores que indicam os conhecidos: "*Larguei currículo, a minha cunhada trouxe, e depois me chamaram*". (Entrevistada 3)

As empresas prestadoras de serviços de limpeza e manutenções em geral, possuem elevado fluxo de funcionários. Isso ocorre devido às constantes contratações e demissões, e também às trocas de funções dos mesmos. Sete meses após a entrevista, uma das trabalhadoras, foi demitida após retornar de suas férias. A incerteza da permanência do emprego se mostrava presente nas falas.

Enquanto não der zebra eu tô aqui. Diz que a firma vai sair agora final do ano, né. Diz que vão contratar quem a firma que quiser contratar, contrata, se não vai todo mundo pra rua. A gente tá na mão da firma. (Entrevistada 1)

As empresas necessitam de serviços de limpeza, manutenção, almoxarifado, entre outros, e isso criou um nicho de negócios privados, gerando empregos terceirizados. Nas universidades, a maioria das tarefas auxiliares (limpeza, transporte e segurança) foram terceirizadas. Terceirizando os serviços, é possível obter uma mão de obra mais barata em virtude da falta de qualificação e escolarização precárias por parte dos trabalhadores (as).

De acordo com os depoimentos das entrevistadas, o trabalho das faxineiras, em empresas terceirizadas, conta com um suporte sindical muito fraco. A representatividade da força trabalhista advém, em grande parte, do sindicato que a representa, e como em um grande número de empresas e setores, o sindicato dessas trabalhadoras se mostra invisível e inoperante. Segundo a Entrevistada 3 "(...) eles descontam o sindicato, mas agora eu não me lembro quanto é, mas eles descontam o sindicato".

Quando foi perguntado para essa mesma entrevistada sobre a atuação do sindicato, a resposta foi a de que "nunca fizeram nada". Para além do papel social, uma das funções dos sindicatos é informar sobre os direitos trabalhistas, e, também, em relação ao uso de produtos prejudiciais à saúde, garantindo um

13 Perfil dos trabalhadores domésticos nas seis Regiões Metropolitanas investigadas pela Pesquisa Mensal de Emprego (IBGE, 2006).

papel importantíssimo para uma boa qualidade de vida das trabalhadoras. A falta de informações sobre o sindicato está presente em todas as entrevistas.

(...) A gente paga, no contracheque vem que a gente paga isso aí. Sou leiga pra isso, eu sei que eu pago, vem esse desconto aí, mas nunca vi ninguém. (Entrevistada 01)

O depoimento da entrevistada indica, também, uma passividade das trabalhadoras em relação às iniciativas de buscar informações sobre seus direitos laborais.

A divisão sexual do trabalho

A realidade de uma dupla jornada de trabalho é cotidiana para muitas mulheres. O trabalho é dividido em duas esferas distintas, a pública, onde se desempenha um papel na sociedade, com um emprego, seja formal ou informal, e a privada, com as tarefas que desempenham dentro dos lares, através do trabalho doméstico. De acordo com Liedke (2006), a noção burguesa opõe trabalho a não-trabalho, separando as esferas pública e doméstica, assim, a divisão sexual do trabalho está:

Baseada em relações patriarcais de sexo e gênero, é considerada como divisão natural entre os papéis masculinos e femininos. O trabalho da mulher junto à família e às atividades domésticas é entendido como não-trabalho, como atividade inerente à natureza feminina. (LIEDKE, 2006, p. 321)

Na sociedade patriarcal, o principal papel social das mulheres é o reprodutivo, portanto, são responsáveis pelas tarefas domésticas, consideradas como um não-trabalho, que não exige qualificação para desempenhá-lo. O trabalho considerado como o mais importante e valorizado socialmente é o produtivo, com relações assalariadas. Portanto, estar empregado, com uma relação contratual formalizada possibilita prestígio social, ao contrário de trabalhar em casa, na esfera privada.

As famílias burguesas e proletárias foram organizadas no final do século XVIII, a partir da mentalidade patriarcal¹⁴. Este tipo de organização familiar ainda é reforçado pelas instituições, como a mídia por exemplo, muitas propagandas de diversos produtos utilizam este estereótipo de família, mostrando o homem saindo de casa para exercer um trabalho remunerado e a mulher permanecendo em casa, realizando os afazeres domésticos e esperando o marido voltar. Mesmo que nos últimos cinquenta anos as mulheres tenham entrado maciçamente no mercado de trabalho, as atividades desempenhadas pelas mulheres no âmbito doméstico, não são consideradas trabalho. O trabalho no ambiente privado é desvalorizado e encarado como feminino e, quando os homens o exercem, é considerado como uma ajuda pelas próprias mulheres:

14 O termo “mentalidade patriarcal” é utilizado por Safiotti (2000).

(...) é um trabalho dobrado, trabalho aqui e em casa, dois turnos. Eu levanto as 8 horas, sete e meia, e até meio dia tô em função, lavando roupa, fazendo comida, varrendo a casa, vou na venda; fazendo isso, fazendo aquilo, e chego aqui cansada. (...). Meu marido faz bico, e quando ele ta em casa é a mesma coisa que não tivesse (risos), não ajuda em nada. (Entrevistada 01)

As tarefas domésticas, ainda são consideradas tarefas femininas. Quando as mulheres entrevistadas não são as únicas a desempenhá-las, a divisão das tarefas fica entre as filhas, mesmo havendo filhos. Uma das entrevistadas relata sobre o marido ajudar pois a maior parte do tempo é ele quem fica em casa: "*(...) minhas gurias ajudam muito, tão duas mulheres, né. Então elas me ajudam muito, me ajudam mesmo*". (Entrevistada 02)

A clássica divisão sexual do trabalho, fora de escala privada, se mostra no emprego formal, de carteira assinada, repetindo a exploração no domicílio. Em alguns momentos, quando executam trabalhos mistos, as trabalhadoras relatam que é notável que muitas vezes a maior parte do trabalho é realizado pelas mulheres:

(...) boto umas 15 mulheres e um homem só, e ele não fazia praticamente nada, só ficava sorrindo e olhando a gente se matando e limpando. (Entrevistada 01)

Como ressaltado inicialmente, a abolição da escravidão não modificou as estruturas da hierarquia impostas pela lógica escravista. Coube a maioria das mulheres negras o emprego doméstico e/ou terceirizadas no setor da limpeza. As mulheres brancas foram incorporadas ao mercado, não igualmente aos homens, mas também não equiparadas as negras. Com o trabalho na esfera pública, a mulher branca, em geral, precisa manter alguém para limpar sua residência. Em parte, esse espaço foi designado para as mulheres negras.

A mentalidade patriarcal, assim como o racismo, é acentuada em todos os ambientes. A cobrança imposta e assimilada em casa, quanto a quem tem a responsabilidade de executar as tarefas domésticas, é a mesma sentida no trabalho, acrescentada ao estereótipo de que as mulheres são mais cuidadosas e caprichosas, a carga de trabalho e a exigência é muitas vezes maior. Segundo as entrevistadas, os serviços de limpeza desempenhados pelos homens não são tão avaliados e cobrados quanto os desempenhados por mulheres.

Considerações Finais

Os estudos sobre gênero e trabalho explicam a realidade da fala das entrevistadas. O imaginário social em que as mulheres negras são colocadas se repete, em sucessivos empregos precários. A exploração ocorre em âmbito público e privado e a dupla jornada de trabalho é uma realidade para todas as trabalhadoras entrevistadas.

Trabalhar em um emprego considerado de baixo status e/ou precarizado resulta em salários baixos e condições e relações de trabalho precárias, causadoras de sofrimento para essas mulheres. A terceirização das atividades-meio faz com que essas trabalhadoras sejam exploradas e na luta pela

Susana Maria Veleza da Silva, Rafael Moura Tédde

sobrevivência e fuga da pobreza, se sujeitam às condições precárias, e no mundo do trabalho terceirizado, possuem seus direitos trabalhistas flexibilizados.

A resistência através do incentivo à escolarização das filhas e filhos, as denúncias de machismo ou racismo possuem limites e apenas esboçam uma possível autonomia através de um emprego decente. Pesquisar sobre as trabalhadoras é importante, para além de entendermos suas condições laborais, também darmos voz para as mulheres, que estão escondidas socialmente por um véu, transparente, mas opaco o suficiente para fazê-las desaparecer.

Referências

ALVES, Francisco. (org.) **FURG: 35 anos a serviço da comunidade**. Rio Grande: EDIGRAF, 2004.

Anuário das Mulheres Brasileiras (AMB). São Paulo/ Brasília: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) e Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), 2011.

CRENSHAW, Kiberlê. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171 - 189, 2002.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A Mulher Negra no Mercado de Trabalho. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, n. 3, p. 479 - 488, 1995.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio Econômicos (DIEESE). Notas Técnicas, n. 172, mar. 2017. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/notatecnica/2017/notaTec172Terceirizacao.html>> Acesso em 23/12/2017.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio Econômicos (DIEESE). Notas Técnicas, n. 175, abr. 2017. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/notatecnica/2017/notaTec175TerceirizacaoTrabalhoTemporario.pdf>> Acesso em 23/12/2017.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michele. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean et. al **A pesquisa Qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. 3. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012, p. 127 – 153.

Desenvolvimento Humano para Além das Médias 2017. Brasília: PNUD, IPEA, FJP, 2017.

Dicionário de Trabalho e Tecnologia / Antonio David Cattani, Lorena Holzmann, organizadores. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006.

GARCIA, Sandro. Terceirização. In: CATTANI, Antonio D.; HOLZMANN, Lorena (orgs.) **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

GEMMA, Sandra Francisca Bezerra; FUENTES-ROJAS, Marta; SOARES, Maurílio José Barbosa. Agentes de limpeza terceirizados: entre o ressentimento e o reconhecimento. **Rev. Bras. Saúde Ocupacional** [online], v. 42, n. 4, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223 – 244, 1984.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Perfil dos Trabalhadores Domésticos nas Seis Regiões Metropolitanas Investigadas Pela Pesquisa Mensal de Emprego (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), 2006.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Retrato das desigualdades de gênero e raça. 4. ed. Brasília: Ipea, 2011.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Trabalho doméstico é ocupação de 5,9 milhões de brasileiras. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/03/trabalho-domestico-e-a-ocupacao-de-5-9-milhoes-de-brasileiras>> Acesso em 27/05/2017.

LIEDKE, Elida. Trabalho. In: CATTANI, Antonio D.; HOLZMANN, Lorena (orgs.) **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

MACHADO DA SILVA, Juremir. **Raízes do conservadorismo brasileiro**. A abolição na imprensa e no imaginário social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

MARCONDES, Mariana Mazzini *et al.* **Dossiê de Mulheres Negras**: retrato das condições de vida de mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013.

MARTINS, César A. No trabalho dos pescadores artesanais. A Lagoa dos Patos vive e dá vida. **Scripta Nova**, v. VI, n. 11(47), ago. 2002. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-47.htm>>. Acesso em 12/09/2017.

MENDES, Andrea; MILANI, Maria Luiza. Inserção da mulher negra brasileira no mercado de trabalho no período de 1980-2010. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**. v. 7, n. 2, p. 178 – 194, 2016.

Observatório Social do Trabalho (OST). Relatório Anual: Mercado de Trabalho em Rio Grande, UFPEL, ago. 2017. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/observatoriosocial/>>. Acesso em 14/09/2017.

PAULA, Marise. De escrava a empregada doméstica: o fenômeno da (in)visibilidade das mulheres negras. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 3, n. 2, p. 155 - 164, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. **Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento?** Dossiê Crítica Marxista, n. 11, p. 71 - 75, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVEIRA, Amanda Mariana. Trabalho e Terceirização: Contexto dos Serviços de Limpeza na Faculdade de Direito e Ciências do Estado – UFMG. **Revista de Ciências do Estado**, v. 1, n. 2, 2016.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**. Da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

VELEDA DA SILVA; Susana Maria; SPOLLE, Marcus Vinicius. O Trabalho feminino nas fábricas de conserva de pescado: a permanência de uma exploração laboral. Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-464.htm>> Acesso em 8/08/2016.

Recebido em 01 de março de 2018.

Aceito em 07 de agosto de 2018.

Susana Maria Vele da Silva, Rafael Moura Tédde

